

A FUNÇÃO DA ESCUTA

Celso Rennó Lima*

Trata-se, aqui, da tentativa de estabelecer uma conversa com outros discursos. Falo do lugar de um não saber. Esta é a proposta do discurso do psicanalista: falar do lugar do não saber; abrir uma brecha ali onde a ciência tenta tamponar com um saber constantemente renovado e marcado pela insuportabilidade do não saber.

Atualmente, temos constatado isto: demasiada gestão mata o social. Está na hora de começarmos a pensar se no lugar da avaliação não é preciso colocar um pouco de inteligência. É certo que estamos submetidos a uma força cada vez mais avassaladora, denominada Discurso do Mestre pela psicanálise.

Farei um pequeno histórico para situar de onde eu falo.

O Dr. Sigmund Freud, no final do século passado, inaugurou um novo discurso. Essa é a grande verdade sobre a psicanálise. A psicanálise veio estabelecer um discurso que fundou um novo espaço, possibilitando-nos colocar sob crítica os discursos reinantes até então. O Dr. Freud inventou o inconsciente como uma forma de estabelecer um lugar regido pelo não saber. O inconsciente é um trabalhador ideal - trabalha em silêncio, constantemente, e não reclama. Mesmo que não se queira, ele produz seus efeitos. O inconsciente é o trabalhador ideal que Marx, por exemplo, apontava - Dr. Lacan é quem faz referência a isso em um texto chamado "Televisão".¹ Contudo, para suportar esse não saber é preciso que um sujeito venha dar conta de um lugar criado a partir mesmo da fundação do inconsciente.

Nascemos no momento em que uma separação se estabelece e cria um buraco, um vazio. O nascimento de uma criança não é simplesmente o ato de colocar um ser no mundo. Dr. Lacan, de uma maneira muito interessante, nos diz que o sujeito nasce na sua estúpida e inefável existência, até que a palavra venha estabelecer a entrada desse ser no discurso. Há um ser de carne que só começa a tomar vida no momento em que a mãe, angustiada diante do grito ou do primeiro choro dessa criança, coloca para ela mesma a questão: o que ele quer? Essa pergunta abre o espaço do não saber, pois essa mãe, ao tentar responder a este ser constata que ela nada sabe. A própria pergunta já a aponta o lugar de onde ela responde: lugar de não saber. Lugar de não saber para a mãe e para a criança que também se pergunta sobre o desejo de sua mãe ou, como explicita Dr. Lacan, o desejo do Outro.

Por mais que uma mãe tente interpretar o choro de uma criança, ela vai sempre interpretar com uma pergunta e não com uma resposta. Será frio? Será fome? Será calor? Será que fez cocô e xixi ou está incomodada? Em situações muito específicas, que produzem consequências drásticas naquele ser que começa

* Psiquiatra-Psicanalista. AME da Escola Brasileira de Psicanálise. Membro da Associação Mundial de Psicanálise.

¹ LACAN, J. (2003) "Televisão". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 508-543.

a nascer, uma mãe pode ter a certeza de que responde e então fecha o campo e impede que essa criança, diante da pergunta da mãe, introduza outra pergunta. Perguntas e respostas possibilitam um ciclo que só se conclui com a morte. Sustentar uma pergunta é fundamental para que possamos existir.

Jacques Lacan, psicanalista francês, fez uma releitura da obra de Freud a partir dos anos 50 e nos deixou um legado sustentado hoje pela transmissão do Dr. Jacques-Alain Miller na França, que nós, no Brasil, procuramos desenvolver. Dr. Lacan diz que é preciso que o sujeito ex-sista - sista é lugar; ex é fora. Tem que existir sempre fora de lugar. Ele nunca está onde esperamos. Essa é a maior angústia para professores, cientistas, magistrados, advogados e médicos atualmente. A consequência disso é a predominância do que chamei a pouco Discurso do Mestre que é regido pela palavra na medida em que ela busca produzir um significado correto; uma palavra que não deixa lugar a nenhuma nuance, a nenhuma brecha, a nenhuma possibilidade de dúvida.

O Discurso do Mestre é muito bem ilustrado no livro *1984*, de George Orwell², onde o *reality show* da televisão, *Big Brother*, foi se inspirar. Para George Orwell, o *Big Brother* tem como objetivo final produzir uma linguagem que não tenha nenhum valor semântico, ou seja, quando, por exemplo, eu falar a palavra mesa, ela vai representar uma mesa para todos, de forma igual e sem diferença. Esse romance de ficção circula em torno de um cidadão do país do *Big Brother* que se apaixona e, às escondidas, vai exercitar sua individualidade no amor, pois é no amor que a particularidade das escolhas do sujeito vai se manifestar. No final, encontramos um sujeito totalmente sem vida, na frente de uma televisão. Impressiona-nos como parece com o modo que nos encontramos hoje. Não se enganem. Essa é a presença do tal Discurso do Mestre na figura do *Big Brother* - produzir um discurso global onde o sujeito só vai existir em rede, sem poder estabelecer sua singularidade. Isso tem consequências? Claro que sim, porque, sob a cadeia significante, a cadeia de palavras, ali onde uma palavra se segue à outra para produzir mais um significado, mesmo que queiramos uniformizar as respostas, um resto sempre é produzido. O resto se faz presente, independentemente das regras e normas que tentam colocar o sujeito em um sistema global.

Esse resto, Freud já dizia, é fundamental! Freud chamou esse resto de a Coisa; em alemão, *das Ding*. Aquilo que resta sem sentido em toda tentativa de significação. Resto este que, ao mesmo tempo, funciona como motor, como motivo para que se produza nova significação. Sustentando essa busca por uma nova significação, existe um sujeito que age a partir desta Coisa, disto que escapa ao saber. Em outras palavras, paradoxalmente, é exatamente o não saber que pode produzir um novo saber.

Se o sujeito ex-siste, ao colocar uma pergunta que explicita que ele não sabe, ele traz muita inquietação ao discurso dominante, ao discurso do tudo saber. Não interessa ao discurso dominante, Discurso do Mestre, que o sujeito coloque questões. Interessa que ele faça exatamente o que está determinado; como se diz, interessa apenas que isso caminhe na direção determinada pelo Mestre. O sujeito com suas queixas, sua singularidade deve desaparecer. Contudo, fica claro

² ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Editora Companhia Nacional.

que ele ainda não se silenciou. E para onde ele corre em busca de socorro? Ele pode correr, por exemplo, para o jurídico em busca de justiça, mas de uma justiça que o leve em conta, que o escute. No entanto, o que ele encontra a partir da lei é um empuxo à uniformização que faz valer um discurso ao qual só interessa que isso caminhe. Como consequência o sujeito vai fazer sintoma, vai produzir alguma coisa que possa sustentar o seu laço social a partir da sua singularidade.

Eu disse a pouco que demasiada gestão mata o social. Essa é uma das primeiras funções que o mestre tem quando ele se instala em um discurso de poder - evitar toda e qualquer possibilidade de laço social que não seja o determinado por ele. Entretanto, por mais que se tente desfazer o laço social que um sujeito constrói a partir da sua posição singular, este laço retorna no sintoma social. Sintoma pode ser interpretado de várias maneiras: como um distúrbio, como um incômodo que precisa ser tratado, por exemplo. É neste ponto que a medicina entra de braço dado com o Discurso do Mestre.

Hoje recebemos pacientes que já chegam com um diagnóstico pronto e, caso seja contestado, ele diz: “você não sabe”. A verdade é que, infelizmente, os meus colegas médicos estão se dobrando ao discurso da ciência. Quando alguém chega e diz que aquilo que ele falou não é certo, ele entulha o paciente com pedidos de exame. Por quê? Para se resguardar com respeito ao não saber, mas que acaba por chegar naquele ponto que chamamos “ponto de indecidibilidade”. Chega um momento em que os exames não resolvem; é quando o médico tem de assumir sua condição de sujeito e dizer: “bom, agora eu me responsabilizo por isso e assino esse diagnóstico”. Mas esta decisão também não é sem consequências. Corre-se o risco de ser contestado pelo paciente que ameaça esse médico com a possibilidade de levá-lo à justiça. Por isso, hoje, os médicos se resguardam com excesso de exames e até mesmo com seguros contra processo médico.

Atualmente, está cada vez mais difícil diferenciar-se nessa globalização que absorveu o sujeito. Está cada vez mais difícil poder dizer: “eu desejo e me responsabilizo pelo que eu desejo”. Talvez, por isso, cada vez mais os sujeitos estão submetidos ao trabalho e às leis do trabalho, o que gera um número cada vez maior de demandas. Mas, se tem uma coisa com a qual podemos nos tranquilizar é a seguinte: demandas nunca serão respondidas. Aliás, elas só existem para não serem respondidas. Isso é uma verdade que a psicanálise traz no seu bojo de uma forma muito clara e foi o que tentei dizer-lhes, quando no início falei sobre a experiência pela qual passa uma mãe em seu encontro com seu bebê. Foi a percepção disto que possibilitou a Freud inventar a psicanálise. Quando Freud recebeu suas histéricas, no final do século passado, e percebeu que os seus colegas médicos simplesmente estavam ignorando o sofrimento dessas pessoas, expresso pelas suas queixas, ele parou para escutar. Com isso, ele pôde saber que por trás da demanda feita ao discurso da ciência existia outro discurso, que é o discurso do inconsciente que, na verdade, só quer mesmo se manifestar.

Freud se especializou na arte de escutar. Contudo, não é uma escuta tão simples assim. Nós demoramos muitos anos para podermos sentar na poltrona do analista e conseguir escutar, porque é uma escuta que vai um pouco mais além da simples escuta da amizade, do companheirismo. É uma escuta que implica poder escutar o que está presente por trás dos ditos e que pode surgir, por exemplo, nos relatos de um sonho, nos chamados atos falhos, ou deslizes da fala. O Discurso

do Analista, diferentemente do Discurso do Mestre e do Discurso da Histeria, que consiste simplesmente em demandar, tem que se colocar em silêncio. Não é um silêncio do tipo “eu sei, mas vou ficar calado”, o silêncio que se faz fechando a boca. É o silêncio da ausência de palavras, porque o nosso objetivo é levar o sujeito que está falando a se escutar no ponto em que ele veio ao mundo como sujeito do discurso, no ponto onde ele começou a interpretar o mundo a partir, exatamente, de uma falta: da falta de uma palavra que o constitui como sujeito desejante. Afinal, até mesmo o poeta diz que “[...] só uma palavra me devora, aquela que o meu coração não diz [...]”³.

Se nós não começarmos a escutar o sujeito do desejo, vamos ter uma resposta social drástica. A violência é uma resposta a essa tentativa de achatar o sujeito na sua ignorância. Freud já denunciou isso em seu texto “O mal-estar na cultura”⁴, onde chamou de sintoma o retorno do recalçado. Em outras palavras, o que é recalçado agora aparece sob outra forma amanhã.

Hoje, em meio a um movimento de transparência global, em meio ao que podemos chamar de uma universalização do *Big Brother*, não só as coisas são colocadas a céu aberto, mas também a nossa fraqueza, o nosso não saber.

A contribuição que trago neste momento é a de que é preciso escutar o que o discurso da psicanálise trouxe à tona: um sujeito do desejo - distinto do sujeito da verdade - é um sujeito que está para além daquilo que se fala.

DISCUSSÃO

Para a psicanálise, o analista deve, cada vez que recebe um paciente, esquecer tudo o que sabia do outro; ou seja, cada vez que um candidato à análise chega, precisamos começar tudo do zero; zero de protocolo.

Nós temos uma expressão muito interessante que é “tomar posse daquilo que você herdou”. No caso, vocês do Judiciário, herdam processos. Então, é preciso tomar posse deles e fazer deles algo seus, para que não se permaneça em uma defesa narcísica, como denominamos, em que não se permite ser questionado, onde não há a escuta. Se abrimos a possibilidade de escuta, no entanto, é preciso saber que poderemos ser questionados. Por isso, falei mais acima, em um tom de humor, que as demandas sempre são demandas do que não se tem. O que se tem para dar não é pedido. Demandamos somente aquilo que o outro não tem. À justiça é demandada, basicamente, igualdade; justiça distributiva. Isso não existe.

Falei de uma maneira enfática que a demanda não tem resposta. No entanto, por causa de uma demanda, é possível que algo caminhe a partir de uma intermediação, a partir de um rearranjo. O sujeito procura análise quando ele não está mais de comum acordo com o seu sintoma. Nós não vivemos sem sintoma. Temos nossos sintomas e convivemos muito bem com eles. O dia em que nosso sintoma começa a nos incomodar, quando não mais conseguimos conviver com ele, buscamos uma análise. Qual é a função do analista? Intermediar a relação do

³ Música “Jura secreta”. Composição: Sueli Costa e Abel Silva.

⁴ FREUD, Sigmund. (1930 [1929] / 1974). “O mal-estar na civilização”. V. 21. *Edição standard das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

sujeito com o seu sintoma para que possam chegar a um bom termo. Ao invés de relegar o sintoma, fazer alguma coisa de novo com ele, em outro patamar.

Diante de uma demanda judicial, penso que a função do juiz, muito mais do que autoritariamente baixar uma sentença, é exercer a sua autoridade para mediar o sujeito com a sua causa. Existe uma questão muito séria entre autoridade e autoritarismo. Na medicina, por exemplo, quanto mais a demanda de pacientes chega ao seu consultório, mais autoritário você fica, porque suporta cada vez menos ser questionado no seu não saber. Para poder escutar, é preciso, em primeiro lugar, suportar, com você mesmo, o fato de que não sabe. Infelizmente, isso é muito difícil de conseguir. Existem pessoas que ficam 20 anos em análise para poder suportar esse ponto de não saber. Nós não sabemos tudo; vai existir sempre um ponto de não saber. Que bom! Isso é vida! Não é mau; dizer que não sabe significa que temos o que aprender.

É preciso que o Judiciário acredite que não é o único capaz de responder. Ao mesmo tempo, ele tem que saber, que se tentar atender a todas as demandas, ele vai adoecer. Na psicanálise, nós trabalhamos muito com dois modais de Aristóteles: a impotência e a impossibilidade. Se você acredita poder responder à demanda do outro, vai cair na impotência. A impotência gera autoritarismo e agressividade. Se, no entanto, abrir um espaço para trabalhar com a impossibilidade, abre-se um caminho para o possível.

Nós estamos falando da justiça. Uma das coisas que eu tenho pensado muito a respeito da violência é o seguinte: existem duas sociedades hoje que, num primeiro momento, podem se separar em duas. Uma, em que a lei não funciona, e outra em que a lei funciona. A marginalidade é regida por uma lei taliônica que funciona. Se você falhar, você é punido imediatamente. Do lado de cá, e temos inúmeros exemplos disto, pode-se fazer o que quiser que não se é punido. Esse é um problema muito sério que estamos vivendo atualmente. Há um retorno à horda primitiva na marginalidade em que a lei é esta: se você não cumpriu, você é punido imediatamente. Isso é uma questão de autoridade que, talvez, tenhamos que rever, porque a lentidão tem provocado uma desautorização e um “deixar acontecer” que não leva a lugar nenhum.